

# Nota de Abertura

*No mundo ocidental nunca como hoje se falou tanto da maternidade. Também nunca como hoje houveram tão poucas mães de tão poucos filhos.*

*De facto, se um dos fantasmas do futuro mais habitualmente referido é o da superpopulação mundial, o Ocidente, que é como quem diz, os países desenvolvidos, debatem-se com outra questão igualmente preocupante que é a do envelhecimento da população.*

*Central em ambas as problemáticas é, inevitavelmente, a função materna. A função que se cumpre ou não se cumpre. Que é desejada, indesejada ou meramente suportada.*

*A função que se erege como natureza e destino do ser mulher ou que se deprecia como incómoda e inestética. A função que para uns é advento enriquecedor de estatuto e de continuidade e que para outros não ultrapassa as marcas de desejabilidade social e da adequação às normas e expectativas do meio.*

*Curiosamente, quantos mais discursos sobre a maternidade, menos mães.*

*Quantos mais dispositivos legais, médicos, tecnológicos e sociais de protecção às crianças menos filhos.*

*Ainda que não haja razão de causa-efeito entre estas duas ordens de fenómenos parece legítimo considerar que tantas práticas e discursos contribuíram de algum modo para a rarefacção de mães e filhos. Como se a importância atribuída à função e ao desempenho do papel materno fosse percebido como difícil, exigente, invocando competências específicas e recursos múltiplos.*

*A tónica na função materna não contribuiu entretanto para destacar aspectos relevantes da identidade feminina. Num mundo em que lentamente se parece capaz de integrar a função paterna como atributo da masculinidade, assiste-se ainda à lógica ancestral de que o feminino se cumpre no materno.*

*Como se o materno não fosse uma possibilidade do feminino, mas o feminino ele mesmo.*

*Estas noções, feminino e materno mas igualmente masculino e paterno poderiam num primeiro tempo ser facilmente definíveis. O feminino e o masculino como inerentes ou subjacentes ao desempenho social dos papéis de mulher e homem de acordo com uma diferenciação e uma especificidade primariamente de cariz biológico e secundariamente de representação social e cultural.*

*O materno e o paterno seriam desta forma sub-categorias consideráveis adentro destas definições directamente relacionáveis com a progenitura. De igual modo outras sub-categorias dariam conta de funções e relações específicas ligadas por exemplo à filiação, à conjugalidade ou às diversas relações*

*de consanguinidade ou aliança tendentes a organizarem eixos de geracionalidade ou de posição relativa. Verifica-se entretanto que esta definição simples não traduz os dispositivos teóricos e práticos em vigor.*

*Continua-se hoje em ciências humanas como em conhecimento comum com definições e teorias do feminino subsidiárias do materno e inversamente com noções do paterno que se centram no valor do masculino.*

*Sinteticamente: há o materno e o masculino. O feminino e o paterno são ainda conceitos em construção.*

*Em particular, nos quadros referenciais da psicologia verifica-se que as teorias e os instrumentos capazes de contribuir para os desafios e problemas intra-psíquicos e relacionais que as novas tecnologias de reprodução e filiação lançam, são ainda limitadas e insípidos.*

*Esta edição de **Análise Psicológica** dedicada ao **Feminino e ao Materno** pretende ser um espaço de questionamento e reflexão a partir daquilo que são práticas e saberes instituídos ou emergentes. Propõem-se assim um conjunto de artigos que revêem perspectivas do Feminino mas também do Masculino e da relação entre sexos, reflectem sobre o materno e abordam vicissitudes e problemáticas desta condição.*

ISABEL PEREIRA LEAL